

# **IDENTIDADE DA MULHER EM FASE DE CLIMATÉRIO: ASPECTOS HISTÓRICO-CULTURAIS E EDUCACIONAIS.**

Maria Emilia Limeira Lopes — UFRN

Maria Arisnete Câmara de Moraes — UFRN

ET 4: Gênero e etnia na história da educação brasileira

## **1. Introdução**

Este artigo é parte de um estudo de doutoramento acerca da mulher em fase de climatério, desenvolvido na base de pesquisa Gênero e Práticas Culturais: abordagem histórica, educativa e literária do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte — UFRN —, e tem como objeto a identidade da mulher em fase de climatério a partir da influência de aspectos histórico-culturais e educacionais. Tal fenômeno constitui-se uma etapa natural da vida da mulher, numa faixa etária que varia dos quarenta aos sessenta anos e corresponde à transição da fase reprodutiva para a não-reprodutiva, quando ocorrem importantes modificações fisiológicas, psicológicas e sociais.

O termo climatério é usado comumente como sinônimo de menopausa; existe, porém, uma diferença básica entre ambos: a menopausa denota somente a interrupção das menstruações e se caracteriza pelo transcurso de doze meses de amenorréia, ou seja, a ausência de menstruação; o climatério, ao contrário, constitui um processo amplo de transformações, no âmbito físico, emocional e social e pode ser mais ou menos longo. Conforme esse entendimento, ressaltamos que, neste artigo, preferimos utilizar o termo climatério, pelo fato de ele ter um significado mais abrangente para determinar essa fase de vida.

O climatério, embora seja uma etapa natural na vida da mulher, não se restringe a um acontecimento biológico. Desde a mais tenra idade, no seu contexto de vida, estão agregados componentes culturais, educacionais, ideológicos, históricos e sociais que devem ser considerados como determinantes na construção da identidade da mulher em fase de climatério. Desse modo, tal identidade, por ser resultante de um processo histórico-cultural, é construída a partir de elementos históricos, culturais, psicológicos, educacionais, entre outros.

O interesse pela temática justifica-se por entender-se que a visão biologicista não consegue compreender nem explicar, de forma abrangente, o fenômeno climatério.

Justifica-se, também, porque a maioria dos trabalhos na literatura nacional sobre a temática do climatério segue uma visão ainda voltada para o enfoque biológico. Tal literatura aponta, ainda, lacunas, no que concerne a estudos voltados para a historiografia da mulher nessa fase.

Destarte, a pesquisa tem como objetivo o de compreender a influência de aspectos histórico-culturais e educacionais sobre a construção da identidade da mulher em fase de climatério.

## **2. Referencial teórico- metodológico**

O estudo trata de uma pesquisa qualitativa, utilizando como fundamento teórico-metodológico a História Cultural, cuja finalidade precípua é, segundo Chartier (1990, p.16), “[...] identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler.” Desse modo, permite desvendar um objeto de estudo, a partir de uma realidade particular, uma vez que se apóia na história de vida de pessoas comuns, ressaltando seus valores, crenças, modos de vida, comportamentos, que constituem a forma como os indivíduos produzem a realidade social.

No que tange aos estudos acerca das mulheres, Burke (2005, p.65) afirma que, com o feminismo, a luta pela independência das mulheres teve implicações amplas para a história cultural, “[...] pois estava preocupada tanto em desmascarar preconceitos masculinos como em enfatizar a contribuição feminina para a cultura, praticamente invisível na grande narrativa tradicional.” A respeito disso, Scott (1992) afirma que a escrita da história das mulheres repercutiu e contribuiu para o discurso da identidade coletiva que tornou possível o movimento das mulheres na década de 1970. Tal discurso, embora considerasse as diferenças sociais, tinha como destaque a sexualidade e as necessidades e interesses a ela vinculados. Isto contribuiu para uma maior conscientização das mulheres, no sentido de emancipar-se, ou seja, conquistar sua real identidade, autonomia e individualidade. Segundo a autora, este fato contribuiu para que a história das mulheres confirmasse “[...] a realidade da categoria “mulheres”, sua existência anterior ao movimento contemporâneo, suas necessidades inerentes, seus interesses e suas características, dando-lhe uma história.” (SCOTT, 1992, p. 83).

Para Del Priore (1998, p. 235), a história das mulheres serve para fazê-las existir, viver e ser. Ela afirma que a função do pesquisador é a de “[...] enfocá-las através

da submissão, da negociação, das tensões e das contradições que se estabeleceram, em diferentes épocas, entre elas e seu tempo; entre elas e a sociedade nas quais estavam inseridas.” Acrescenta que a pesquisa sobre mulheres deve buscar desvendar as intrincadas relações entre a mulher, a sociedade e o fato, mostrando como o ser social que ela é articula-se com o fato social que ela mesma constrói e do qual faz parte integrante. Além disso, essas pesquisas devem incluir práticas e gestos pequenos e repetitivos do cotidiano, as furtivas formas de consentimento e interiorização de pressões simbólicas ou concretas, exercidas contra as mulheres.

Finalmente, optamos pela História Cultural como fundamento teórico-metodológico deste estudo, porque ela permite a exploração de estudos que focalizam aspectos históricos particulares construídos a partir da experiência de pessoas comuns, em sua cotidianidade. Neste, ela possibilita uma compreensão mais abrangente do objeto de estudo investigado — a influência de aspectos histórico-culturais e educacionais que caracterizam a identidade da mulher em fase de climatério, sujeito histórico, cujo papel é determinante nos âmbitos econômico e social da sociedade.

### **3. Procedimentos metodológicos**

O material empírico para a análise do estudo constou de dez depoimentos de mulheres que vivenciam a fase do climatério, com idades que variam dos quarenta aos sessenta anos, assistidas em um serviço de saúde da rede pública no município de João Pessoa (PB), coletados no mês de Novembro de 2005, mediante a técnica de entrevista, com questões voltadas para atender aos propósitos do estudo.

### **4. Análise dos depoimentos**

A análise dos depoimentos que apresentaremos a seguir revela práticas cotidianas, formas de submissão, consentimento, negociação e interiorização de pressões sociais e culturais praticadas contra as mulheres e que se estabeleceram ao longo de suas vidas no âmbito da família e da sociedade nas quais se encontram inseridas.

Ressaltamos que o conteúdo proferido nos depoimentos foi desmembrado nas seguintes categorias temáticas: sexualidade e educação.

#### **Sexualidade**

No que tange à sexualidade, as mulheres climatéricas apontaram diversas situações conflituosas em sua vida afetiva e sexual, revelando em seus discursos um viver cotidiano marcado por desvalorização, decadência física e perda de seu poder de sedução, percebido nos depoimentos que se seguem:

*A sexualidade somente serviu para atrapalhar o meu crescimento pessoal. Por isso que não estou mais me incomodando com isso: controlo meus impulsos. Não são mais meus valores. [...] Me separei de meu marido porque não tive tolerância com ele; tentei conviver de novo, mas foi pior. [...] nos primeiros dez anos foi bom; no casamento é o seguinte: você não vê a pessoa como ela é, mas como gostaria que ela fosse. Hoje não: eu vejo que tem o lado afetivo, mas eu fico com certo distanciamento. (Dep. 1).*

*Eu agüentei muita coisa: meu marido tem outra mulher, não fica comigo, não me dá assistência. [...]. Quando estou sozinha, fico com raiva. [...] Eu vivo desse jeito. Tenho vontade de morrer! Já mandei ir-se embora, mas ele não quer ir. Você acha que eu vou jogar a roupa dele na rua? Não vou. E assim a gente vai levando. Não sei até quando! É horrível! (Dep. 02).*

*Eu não posso ser uma pessoa feliz assim [...]. Ele me deixou sofrer muito. Só pensava em me separar dele. Mas eu segurei a barra porque eu tinha cinco filhos, não tinha condição de me separar dele e sair dessa. [...] Então, ainda hoje a gente vive, mas não é do jeito que eu gostaria que fosse. Procura, e eu como esposa, aceito. Eu não vou recusar porque ele é meu marido. (Dep. 3).*

*Faz uns dez anos que a gente vive junto. Tem hora que dá vontade de deixar porque ele é meio enjoado. Mas eu não faço isso porque ele é doente. Eu fui morar com ele não é porque eu amasse; estava precisando de uma pessoa para me ajudar a criar minha filha [...]. Tem uns três anos que a gente não tem relação nenhuma. (Dep. 4).*

*Eu me esforço pra ele não estar me humilhando! Se eu fosse toda bacaninha e arrumadinha, ele não ia dizer que eu era moca e velha. Isso eu estou achando ruim: me machuca muito ser chamada assim, nessa idade. Eu acho que ele está tomando abuso de mim [...]. É por isso que eu gosto de me arrumar, fazer o meu regime pra ficar um pouco mais engraçada. [...]. Não quero brigar, porque gosto dele. Quando a gente quer ter relação, a gente faz tranqüilo! Ele me machuca de vez em quando e eu engulo! (Dep. 5).*

Nesses depoimentos, a maioria das mulheres expressa, de forma ambígua, a busca de soluções para os seus conflitos conjugais. Num primeiro momento, demonstram um desejo de mudança, quando apontam como saída uma separação. Noutro momento acomodam-se, não questionam sua posição na relação e não discutem com o companheiro suas insatisfações. Em qualquer uma das posições, observa-se que ela hesita em assumir um modo de ser verdadeiro e abre mão da liberdade de ser ela mesma. Além disso, demonstram sentir-se responsáveis pela qualidade e manutenção do relacionamento, quando alegam culpa ou falta de atrativos para despertar mais interesse do companheiro.

Del Pino (1987, p.67), examinando a concepção tradicional do casal, afirma que os modelos tradicionais estão em crise, não obstante a consciência da pouca relevância que qualquer alternativa possui até agora e que é cada vez mais evidente “[...] o fracasso da concepção tradicional do casal, que, na maioria das vezes, leva à destruição recíproca, com a deterioração da relação interpessoal preexistente.”

Este autor afirma que uma convivência forçada resulta num tremendo desgaste de energia, que força cada um à adoção de formas de vida aberrantes, psicologicamente improdutivas. Acrescenta que o fracasso íntimo na relação interpessoal que acontece no casal, se é considerado irremediável por respeito ou temor à norma social, priva cada um da gratificação mais íntima no aspecto erótico-afetivo e, ao mesmo tempo, impede sua obtenção, mediante a coação social que lhe é imposta interna e externamente, isto é, fora da instituição do casamento. Daí vem o tédio, o desgosto profundo, a resignação, apesar da eventual traição.

Para o autor, o casamento é uma instituição que reprime, dado o caráter de indissolubilidade, a qual, além de seu aspecto legal, tem base na transação prévia e na aceitação, que é o testemunho da integração do indivíduo no sistema em que vive.

Algumas mulheres, quando chegam nessa fase e percebem que estão perdendo a juventude, condição que agrega valores como beleza e saúde, podem influir negativamente na percepção que têm de si mesmas, por não haver para elas, nenhuma gratificação por terem chegado a essa fase.

No caso dos depoimentos, as mulheres expressam uma assimilação de valores culturais depreciativos, vindos da sociedade, durante sua história de vida, em especial aqueles relacionados com a sexualidade, que, em nossa sociedade, ainda se encontra envolta em mitos e preconceitos. Um desses preconceitos é, sem dúvida, o da velhice assexuada.

No depoimento 5, a mulher expressa claramente a sua insegurança por se encontrar “nessa idade”, a humilhação que sofre do marido e a preocupação em se mostrar mais renovada, cuidando da aparência para agradar-lhe e pelo medo de perdê-lo. A mulher, se não foi educada durante sua trajetória de vida, pode achar que não tem direito a viver a sua sexualidade porque não atende mais às exigências de padrão de beleza da sociedade. Além disso, quando chega à menopausa e cessa a sua capacidade de reproduzir, entende-se que ela não deve mais exercer a sua sexualidade, porque esta se encontra relacionada com a fertilidade e esta com a juventude. Por essa razão é que o período

reprodutivo representa etapa marcante para a maioria das mulheres porque representa a questão mesma do que é ser mulher e cria obstáculos à sua entrada no climatério. Por isso, representa um rompimento com essa identidade construída.

Muraro (1983, p.129), a partir de estudo realizado sobre a sexualidade feminina no Brasil afirma que os homens “[...] em grande parte rejeitam a mulher quando envelhece, o que talvez seja motivo de elas se retirarem da competição sexual na idade da menopausa.” A autora, ao questionar os homens pesquisados a respeito do tipo de mulher ideal, eles fizeram referência, primeiramente, às qualidades físicas, como beleza, charme e elegância — atributos típicos de um padrão exigente de beleza, freqüentemente exibidos nas revistas da cultura de massa — para depois fazerem referência a atributos pessoais, como honestidade, calma, bom comportamento, sinceridade.

Esses obstáculos representam, também, a dificuldade que essas mulheres têm de dialogarem com seus maridos sobre suas insatisfações. Quanto a esse aspecto, a autora afirma que, na referida pesquisa, quando os homens foram interrogados se “a mulher não deve discutir os problemas sexuais com o marido”, a maioria discordou desta idéia, demonstrando, com isso, que eles desejam que elas expressem o que sentem. No entanto, no caso das mulheres climatéricas em estudo, nem a repressão sexual nem a desvalorização social provocam nelas uma atitude ativa que vise a uma mudança na forma de conduzir a relação afetiva, mas um silêncio que se reveste de culpa e dissimulações e as leva a uma forma de vida desgastante, mas visa, de qualquer forma, a dar continuidade a relação conjugal.

Elias (1994, p.188) afirma que a sexualidade, assim como a maioria das funções humanas naturais, “[...] é fenômeno de todos conhecido e é parte de toda vida humana.” Acrescenta: “[...] todas essas funções são, aos poucos, carregadas com vergonha e embaraço sociogenéticos, de modo que a simples menção delas em sociedade passa cada vez mais a estar sujeita a grande número de controles e proibições.”

Os preconceitos em torno da sexualidade, nas sociedades ocidentais, têm contribuído, ao longo da História, para gerar insegurança nas mulheres, principalmente nas que se encontram nessa fase, uma vez que algumas podem associar o período à perda de seu poder de sedução, que é visto muito pelo lado da aparência física. Esse fato conduz as mulheres a pensar nesse período como decadência e perda, já que a sociedade tende a desvalorizar as mais velhas. Isto só acontece porque na nossa realidade, a sexualidade feminina está, ainda, estreitamente relacionada com a fertilidade. Quando esta se encontra

em declínio, entende-se que a sexualidade acabou e as mulheres são consideradas velhas para terem desejo ou uma vida sexual ativa.

Durante sua história de vida, algumas mulheres aprenderam a ver o mundo e a si mesmas a partir de conceitos que somente contribuem para relegá-las a um plano secundário na sociedade em que vivem. A interiorização desses valores repercute de forma significativa no modo de algumas delas se perceberem e vivenciarem esta fase de sua vida.

### **Educação**

Quanto à educação, a maioria delas demonstrou um interesse em estudar seja reiniciando os estudos, seja tendo uma profissão ou mesmo recebendo esclarecimentos sobre a fase de vida a fim de combaterem os preconceitos de que são vítimas, conforme ilustram as suas falas:

*Acho que, se eu não tivesse experiência e certo conhecimento, eu não tinha atravessado bem essa fase. Gosto muito de ler; por isso que estou bem: fui contornando a situação, aprendendo mais sobre o meu corpo, superando, me ajudando [...] sempre fui uma pessoa que teve um espírito independente, desde criança: saí logo cedo de casa pra estudar (Dep.1).*

*Estudei no colégio quando era nova e em casa, mas parei de estudar. Sempre gostei de estudar, mas meu marido diz: “Você vai estudar nada!” Aí eu digo: “Vou, por quê? Eu gosto, eu vou. Não estou fazendo nada em casa: vou para me distrair!” Ele diz assim: “É porque você está meio velha.” Aí eu disse pra mim: “Eu tenho que estudar!” Eu inventei de estudar para me sentir mais valorizada, pra o povo não ficar achando que a gente só sabe lavar panela! É muito ruim se sentir humilhada. O marido é o primeiro a humilhar. [...] Se eu tivesse estudado mais, continuado meus estudos, eu teria sido uma professora e eu ia ensinar bem porque eu gosto de explicar! Gosto de fazer questão que a pessoa aprenda! (Dep. 5).*

*Tem muita gente aí que é preciso ser esclarecida, porque não tem entendimento de nada nesse campo. Eu acho que deveria ter palestras e reuniões com as mulheres na menopausa, a respeito de tudo. Essas mais carentes não são esclarecidas, não têm acesso à educação. Elas (as mulheres) têm um preconceito desnecessário: tem uma coisa que ela se inibe que não deveria se inibir e outra ela se exhibe, naquilo que não precisa. Mas isso faz parte da falta de esclarecimento. Mas com ajuda de palestras e cursos, elas podem chegar lá. Porque tem gente que está precisando de uma oportunidade!. Tem gente simples, humilde e muito inteligente, que tem facilidade de entender as coisas. (Dep. 6).*

*Eu me inscrevi no programa do climatério. Eu acho que é uma necessidade você ficar por dentro desses assuntos, sobre tudo o que pode acontecer nessa idade. (Dep. 7).*

*Então, eu resolvi procurar o programa do climatério, que é uma prevenção, já pra esse problema de menopausa. Acho que vai servir muito para as pessoas que não têm oportunidade de se esclarecer: tanto pra nós, que estamos nessa idade, como pra orientar nossos filhos e netos para que não se cuidem somente na idade que estamos cuidando, que já estamos atrasadas. Tem gente que não tem noção do que seja. (Dep. 8).*

*Eu descobri que era menopausa mesmo porque eu leio muito: revistas, jornais, as reportagens que ajudam muito. Então, eu aprendi mais sobre essa fase que estou vivendo. (Dep. 9).*

*Eu fiz vestibular, fui aprovada e tudo, com sacrifício. Mas era particular, aí não pude. (Dep. 10).*

Pode-se notar, nesses depoimentos, que a mulher reconhece a importância da educação, quando expressam o desejo de reiniciar os estudos, a fim de ter uma visão mais ampla acerca da própria vida e, especialmente, desta fase que está atravessando.

Bardwick (1981, p. 39), reportando-se à pesquisa realizada por Helena Lopata, em seu livro *Occupation: Housewife*, (Ocupação: Dona de casa), afirma que, dentre as pesquisadas, as mulheres que trabalham fora, levam uma vida complexa, estão engajadas em grupos e a par do que se passa no mundo e “[...] na meia-idade, quando diminuíam as exigências familiares, aumentavam seus compromissos fora de casa. Muitas voltavam à escola, arranjavam empregos ou trabalhavam em associações de voluntárias.”

Nesse contexto, a educação da mulher adquire uma dimensão importante, no que diz respeito à sua vivência pelo climatério. Por um lado, a situação por ela vivenciada durante o climatério é decorrente da falta de informações adequadas sobre essa fase de vida. Por outro lado, há, também, a necessidade de uma reformulação de valores antigos, que precisam ser revistos e alterados para que ela possa superar essas sanções sociais que se refletem em seu cotidiano como formas de autocontrole e submissão.

Almeida (1998, p.31) afirma que a educação das mulheres, relegada a segundo plano, se constitui “[...] em objeto de distorções do ponto de vista dos homens e até das próprias mulheres que, por força das imposições culturais, assimilam valores masculinos e aceitam ser confinadas à reprodução biológica e às esferas privadas sem questionar esses papéis.” Segundo esta autora, isto dá a entender “[...] o estabelecimento de relações de

poder entre homens e mulheres que passam, também, pela questão do saber, dado que conhecimento e poder estão necessariamente interligados.”

Quanto a esse aspecto, Perrot (2005, p.263) afirma: “[...] o exercício do poder não passa somente pela repressão, mas — sobretudo nas sociedades democráticas — pela regulamentação do ínfimo, pela organização dos espaços, pela mediação, pela persuasão, pela sedução, pelo consentimento.” A autora acrescenta que o exercício do poder vai mais além: ele “[...] consiste mais ainda na produção dos pensamentos, dos seres e das coisas por todo um conjunto de estratégias e de táticas em que a educação, a disciplina, as formas de representação revestem-se de uma importância maior.” A fala da depoente 5, confirma o entendimento da autora, pois a mulher, mesmo reconhecendo como legítimo o seu desejo em continuar os estudos e o sonho de tornar-se, um dia, uma professora, recua diante da repressão do marido e, pelo consentimento, legitima o poder do homem sobre sua vida, no espaço privado.

As restrições impostas à mulher pela sociedade, dificultam o seu processo de educação ao longo de sua história de vida. Isto porque, por muito tempo, ela esteve com a existência limitada ao ambiente privado, permanecendo afastada de espaços que lhe permitiriam um crescimento pessoal mais amplo, com chances de se apropriar de conhecimentos e saberes que produzissem nela uma maior consciência de si mesma e de seu papel na sociedade. Apesar das indiscutíveis conquistas já alcançadas pelas mulheres nos planos social, político e econômico da sociedade, do progresso da vida social e do acesso facilitado ao conhecimento, ela ainda não se desvencilhou de preconceitos, em especial aqueles relacionados com a sua vivência pelo climatério.

## **5. Considerações finais**

O estudo permitiu, mediante os discursos, revelar o cotidiano das mulheres pesquisadas e de como elas compreendem a si mesmas durante a fase do climatério, as dificuldades enfrentadas na sua relação com o companheiro, os preconceitos sociais de que são vítimas, a atitude de submissão — expressões que refletem o modo como constroem a própria história, em sua cotidianidade.

No que tange à sexualidade, as mulheres climatéricas revelaram em seus discursos um viver cotidiano desvalorizado, com decadência física e perda do poder de sedução, expressando, desse modo, uma assimilação de valores culturais depreciativos, vindos da sociedade, durante sua história de vida.

Quanto à educação, a maioria delas reconhece o valor da educação como um meio de se sentirem mais valorizadas, de combaterem os preconceitos de que são vítimas e de aprenderem mais sobre essa fase que estão vivenciando.

Esta pesquisa possibilita reflexões voltadas aos pressupostos da história cultural das mulheres climatéricas, tendo como eixo a exploração de aspectos históricos, culturais e educacionais que influem na identidade da mulher nessa fase. Suscita, também, discussões mais amplas acerca da historicidade da vida dessas mulheres, a qual deve ser remetida a uma reflexão sobre as suas práticas cotidianas, discurso, processo de socialização e construção da identidade social.

## 6. Referências

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: UNESP, 1998.

BARDWICK, Judith Marcia. **Mulher, sociedade, transição: como o feminismo, a liberação sexual e a procura da auto-realização alteraram as nossas vidas**. São Paulo: DIFEL, 1981.

BURKE, Peter. **O que é história cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DEL PINO, Carlos Castilla. **A “função” de mulher**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

DEL PRIORE, Mary. História das mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos Cezar. **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

MURARO, Rose Marie. **Sexualidade da mulher brasileira: corpo e classe social no Brasil**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: EDUSC, 2005.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.